

Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos . **Tempo verbal: um problema gramatical ou discursivo**. Letras & Letras, Uberlândia, v. 9, n. 1, p. 51-57, 1993. ISSN/ISBN: 01023527.

TEMPO VERBAL: UM PROBLEMA GRAMATICAL OU DISCURSIVO? TEMPO VERBAL E TIPO DE TEXTO*

Luiz Carlos Travaglia**

1 - GRAMATICAL E DISCURSIVO

O título deste artigo propõe uma questão sobre a qual é preciso inicialmente discutir: o que é discursivo não é gramatical? O que é gramatical não é discursivo?

Esta separação nos parece um equívoco que é preciso apagar das discussões lingüísticas, uma vez que se entenda que o que é gramatical são as **regularidades** lingüísticas (unidades, regras, princípios de funcionamento, etc.) discursivamente determinadas no processo sócio-histórico de constituição da língua e que constituem a convenção lingüística que permite à língua funcionar nas situações de interação como pistas e instruções para a produção de determinados efeitos de sentido entre os interlocutores, o que representa o próprio funcionamento discursivo da língua, entendido este como a possibilidade de comunicação através de efeitos de sentido. Se pensarmos o discurso como se concretizando no texto e o texto como se constituindo lingüisticamente, fica difícil separar gramatical de discursivo, pois, na verdade, os dois são interdeterminantes. Em determinado momento dos estudos lingüísticos, alguns fatores e elementos chamaram a atenção para o discursivo e houve então na história dos estudos lingüísticos um momento em que se separou gramatical de discursivo, como se fossem duas coisas de natureza distinta sem ligação. Podem ter naturezas distintas: gramatical seria o lingüístico e discursivo seria o sócio-histórico, mas isto seria esquecer que a língua com suas regularidades é um produto/processo sócio-histórico pelo qual e no qual o discurso se constitui ou revela. Não há, pois, porque separar qualquer elemento da língua como sendo um fato só gramatical ou só discursivo, pois, na verdade, todo elemento da língua que se instituiu como regularidade e portanto como convenção é ao mesmo tempo gramatical e discursivo.

Dessa forma é preferível dizer que o tempo verbal (como qualquer outro elemento da língua) é um fato lingüístico cuja forma, regras e princípios de uso e funcionamento no texto são discursivamente constituídos como regularidades lingüístico-discursivas, entendendo-se estas como os elementos da língua (unidades, categorias, etc.) e as relações entre eles discursivamente

* Texto apresentado na 44ª Reunião Anual da SBPC em julho de 1992.

** Prof. Titular de Lingüística e Língua Portuguesa do Dep. de Ciências da Linguagem da UFU. Mestre em Letras (Língua Portuguesa) pela PUC-RJ e Doutor em Ciências (Lingüística) pela UNICAMP.

constituídos. Assim um tempo verbal deve ser visto como uma categoria da língua capaz de (na situação de interação comunicativa, ou seja, numa situação de discurso) produzir certos efeitos de sentido. (Cf. a este respeito o que discutimos em TRAVAGLIA-1991: cap. 1)

2 - TEMPO E FORMA VERBAL

É preciso deixar claro também o que se entende por **tempo verbal**. Esta expressão tem sido usada nos estudos lingüísticos para se referir basicamente a dois tipos de elementos da língua:

1) no primeiro sentido entende-se por tempo verbal a categoria através da qual essa classe de palavras apresenta a situação como tendo realização anterior (**passado**), simultânea (**presente**) ou posterior (**futuro**) ao momento da produção do texto, ou seja, ao momento do ato de dizer e/ou ao momento de recepção do texto.

As formas verbais ainda podem fazer outras marcações de tempo apresentando a situação: a) com uma realização iniciada no **passado** e estendendo-se **até o presente**; b) com realização iniciada no **presente** e estendendo-se **para o futuro**; c) com realização **ontemporal**, isto é, abrangendo todos os tempos. Como se vê esta definição da categoria de tempo verbal é nitidamente discursiva, já que ligada à situação de enunciação.

2) no segundo sentido chama-se de tempo verbal o conjunto de flexões dos verbos que representam o paradigma de conjugação verbal, onde se inclui também o que tem sido denominado de formas nominais. A estes conjuntos de flexões, considerados em si mesmos, independentemente das categorias verbais que possam veicular preferimos chamar de **formas verbais**, evitando assim a confusão terminológica entre as categorias do verbo e as formas que as veiculam. Assim, quando falarmos em presente do indicativo ou do subjuntivo, em pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, em futuros do presente, do pretérito ou do subjuntivo, em imperativo e em formas nominais estaremos nos referindo às formas verbais e não às categorias que elas podem expressar. O presente do indicativo, por exemplo, um conjunto de seis formas divididas entre singular e plural e primeira, segunda e terceira pessoas, pode exprimir tempo presente, futuro ou ontemporalidade, modalidades como certeza, ordem e aspectos como imperfectivo/perfectivo, começado, cursivo, habitual/indeterminado/durativo/pontual, por si mesmo ou em conjunto com outros elementos presentes no co-texto. (Cf. TRAVAGLIA-1981 e 1991: cap. 3)

3 - TEMPOS E FORMAS VERBAIS: GRAMÁTICA E DISCURSO

Como evidência de que o tempo verbal (em qualquer de um dos dois sentidos acima) é um fato ao mesmo tempo gramatical e discursivo (já que representa regularidades lingüístico-discursivas capazes de produzir

determinados efeitos de sentido em situações de interação comunicativa) vamos apresentar de forma bastante esquemática e resumida alguns fatos de relação entre tempos e formas verbais e tipos de textos (dissertação, descrição, narração, injunção e predição) que discutimos mais longamente em TRAVAGLIA-1991.

Lembrando que o tipo é uma forma, um modo de interlocução, de interação e se caracteriza pela relação entre propriedades e marcas e considerando o tempo verbal (bem como as demais categorias) como marcas, veremos que se evidencia que o tempo verbal (nos dois sentidos vistos acima) funciona ligado diretamente a propriedades (que são discursivas) de cada tipo de texto¹.

Os textos apresentam continuidades de **tempo verbal** (sentido 1) que têm a ver com os subtipos textuais dados pela relação entre o tempo da enunciação e o tempo referencial². Propusemos em TRAVAGLIA-1991 que a este respeito os textos dos tipos com os quais estamos trabalhando (dissertação, narração, descrição e injunção) podem apresentar os seguintes subtipos: dissertação, descrição e narração passadas, presentes e futuras enquanto a injunção só admite a posterioridade (futuro) de realização das situações em relação ao momento da enunciação. Embora alguns destes subtipos sejam teoricamente possíveis, normalmente só encontramos alguns subtipos com realização em textos completos, os outros só aparecem em pequenos trechos inseridos em outros textos maiores. Só vamos apresentar aqui dados relativos aos textos de tipos e subtipos mais comuns a saber: dissertação presente, descrição passada e presente, narração passada e presente. Quanto à descrição trabalhamos ainda com os subtipos da descrição estática e dinâmica e com a descrição narradora e comentadora que propusemos em TRAVAGLIA-1991. O mesmo vale para o uso das **formas verbais** que está condicionado pelas categorias que cada uma atualiza, em função dos papéis que essas categorias podem ter na constituição e funcionamento discursivo dos textos, portanto, em relação com as propriedades discursivas que distinguem cada tipo de texto.

Vejamos agora como aparecem os tempos e as formas verbais em cada tipo e/ou subtipo de texto.

Na **DISSERTAÇÃO** (presente) aparecem todos os tempos, exceto o presente até o futuro. O **tempo verbal** predominante é o onitemporal com 68%

1. Utilizamos aqui os elementos de tipologia e as tipologias que definimos em TRAVAGLIA-1991. Por uma questão de espaço não podemos recolocar todos os detalhes da proposta tipológica e os argumentos que a sustentam. Os interessados podem recorrer à fonte acima indicada.

2. Entende-se por *tempo referencial* o tempo de ocorrência das situações no mundo real. Por *tempo da enunciação* entende-se o momento da produção/recepção do texto que pode ou não coincidir com o tempo referencial. Por *tempo do texto* entende-se o momento em que um trecho da seqüência lingüística total é dito em relação aos demais trechos.

de todos os verbos dos textos o que está inteiramente de acordo com a propriedade que caracteriza este tipo de texto: enunciador na perspectiva do conhecer abstraído do tempo. Em segundo lugar (22%) temos a não marcação do tempo com as formas nominais e em terceiro lugar a marcação de passado até o presente (2%). Este tempo só apareceu na dissertação o que parece confirmar a proposta de WEINRICH (1968) de que ele seria um tempo retrospectivo do comentário. Os outros 8% são de passado (1%), presente (3%) e futuro (4%) que aparecem em trechos inseridos de narração (o passado) de predição (o futuro) ou por razões outras como a indicação da simultaneidade específica de uma situação em relação a outra(s) (presente) face à simultaneidade geral das situações no texto dissertativo. Na dissertação presente a forma verbal predominante é o presente do indicativo porque com ele tem-se as categorias próprias da dissertação: a) - os aspectos imperfectivo, começado e cursivo, marcando a simultaneidade das situações; os aspectos indeterminado e habitual que com sua duração ilimitada fazem com o que se diz valha ilimitadamente conforme convém às idéias expostas num texto dissertativo; b) a modalidade de certeza, própria para a verdade e objetividade, características esperadas na dissertação; c) o onitemporal próprio para indicar que as verdades arroladas na dissertação valem sempre. O futuro do pretérito aparece nas dissertações presentes para marcar a situação como provável, hipotética, portanto para marcar a irrealidade da situação o que está de acordo com a indicação de WEINRICH-1968 de que ele constitui uma metáfora temporal de validade limitada. (Cf. a descrição onde apresenta o mesmo valor) Quanto às formas do subjuntivo e as formas nominais, como elas têm papéis idênticos tanto na dissertação quanto na descrição e narração vamos comentá-los uma só vez após falar do que é particular de cada tipo.

Na **DESCRIÇÃO** o tempo predominante depende do subtipo. Assim na descrição passada (narradora ou comentadora) o tempo predominante é o passado (média de 61%), vindo em segundo lugar as formas sem marcação de tempo (formas nominais) (média de 39%). Portanto o passado aparece em 100% das formas marcadas para tempo. Na descrição presente comentadora temos uma média de 65% de onitemporal e de 35% de não marcado, portanto 100% de onitemporal para as formas marcadas para o tempo. Na descrição presente narradora temos 61% de presente e 39% de formas não marcadas para o tempo, ou seja, 100% de presente para as formas marcadas. Quando às **formas verbais** na descrição presente temos uma média de 66% de presente do indicativo e na descrição passada, uma média de 60% de pretérito imperfecto do indicativo. Estas formas verbais são as predominantes porque são capazes de indicar as categorias características da descrição em seus diversos subtipos: a) - tempo passado, presente ou onitemporal como visto acima; b) - a modalidade de certeza; c) o aspecto imperfectivo que marca a simultaneidade das situações característica da descrição, os aspectos começado e cursivo e o aspecto durativo, este para a descrição narradora, indicando validade da descrição para um determinado momento (o da enunciação ou um momento do passado) ou indeterminado/habitual, estes

para a descrição comentadora, indicando, em conjunto com o onitemporal, uma validade da descrição por "todos os momentos". O restante das formas verbais é de formas nominais, cujo uso comentamos no final. Para o futuro do pretérito que só apareceu na descrição passada comentadora com menos de 1% de frequência, valem as observações feitas sobre esta forma na dissertação.

Na **NARRAÇÃO presente** o tempo predominante é o presente: 66% das formas verbais ou 86% das formas marcadas para tempo. Em segundo lugar temos os formas não marcadas para o tempo: 23,5% (formas nominais); em terceiro lugar o passado com 9,5% e em quarto o futuro com 1,0%. O passado aparece na narração presente com a função de marcar anterioridade de uma situação em relação a outra na cronologia dos eventos ou com a função de fazer "flashback". O futuro também tem função na ordenação cronológica dos eventos, marcando posterioridade. Na **narração passada** o tempo predominante é o passado: 79% das formas verbais ou 98,5% das formas marcadas para o tempo. Seguem-se-lhe as formas não marcadas para o tempo com 20% e o presente com 1%. Este aparece na narração passada para indicar relevância, indicando trechos com maior dramaticidade e envolvimento emocional (Cf. WOLFSSON-1979). Quanto às **formas verbais** observa-se que na **narração presente** a forma básica é o presente do indicativo capaz de indicar as categorias próprias deste subtipo: presente, certeza, perfectivo. Os pretéritos imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito aparecem indicando o passado, como vimos para marcar anterioridade ou fazer "flashback". Na **narração passada** a forma básica são os pretéritos perfeito e mais que perfeito do indicativo, indicando as categorias básicas deste subtipo: passado, certeza, perfectivo. O pretérito imperfeito do indicativo aparece em trechos de pano de fundo (descrições de cenários, personagens, etc. ou apresentando um quadro referencial de ações em curso quando sobreveio o episódio narrado). O presente do indicativo aparece nos trechos em que se indica relevância do episódio com o tempo presente (Cf. acima). Quanto às formas nominais e do subjuntivo comentamos mais adiante.

Sendo a **INJUNÇÃO** o tipo em que se incita à realização de uma situação posterior ao momento da enunciação e caracterizado basicamente pelas modalidades imperativas (obrigação, permissão, ordem, proibição e prescrição), a volitiva e a necessidade (que é alética), o tempo característico será o futuro: 56% das formas verbais ou 100% das formas marcadas para o tempo. Em segundo lugar temos as formas não marcadas para o tempo: 44%. Quanto às **formas verbais** podem aparecer nos textos injuntivos todas aquelas capazes de expressar futuro, mas sobretudo as modalidades acima, ou seja: a) - o presente do indicativo de sujeito indeterminado com o pronome se ou com pronome você (Ex.: Corta-se as frutas ao meio, espreme-se o suco); b) - presente do indicativo de auxiliares modais que expressam as modalidades acima (dever, ter que/de, ordenar, permitir, desejar, etc.); c) - o futuro do presente (Ex.: Não matarás); d) - o imperativo; e) - o infinitivo com modalidades imperativas (Ex.: **Fechar a porta ao sair**). Para as formas do subjuntivo valem os comentários que fazemos mais adiante.

Finalmente temos os textos **PREDITIVOS** que, por serem textos que representam uma antecipação pelo dizer de situações cuja realização terá ocorrência posterior ao tempo da enunciação apresenta sempre **formas verbais** que expressam o **tempo futuro**: futuro do presente, futuro do subjuntivo, ir ou haver (presente do indicativo) + infinitivo.

As formas verbais do **subjuntivo** parecem não estar condicionadas a tipos textuais, mas à indicação de irrealidade através das modalidades de possibilidade, probabilidade e volição. No caso desta última ligam-se aos textos injuntivos do tipo optação.

Quanto às **formas nominais**, vimos nos textos dissertativos, descritivos e narrativos que elas aparecem, em termos de frequência, sempre em segundo lugar, mas normalmente não atualizando nenhuma categoria, sobretudo o tempo verbal, que estamos enfocando aqui. Na verdade elas não têm seu aparecimento condicionado a tipos e subtipos textuais porque têm no funcionamento discursivo do texto uma função ligada à relevância; as formas nominais expressam sempre informações secundárias em oposição às formas ditas finitas que aparecem nestes textos e indicam informação principal ou essencial. A única exceção a esta regularidade acontece na dissertação com o infinitivo que forma orações subordinadas substantivas, caso em que é usado para introduzir situações expressas pelos verbos (ações, fatos, fenômenos, etc.) como tópico do comentário dissertativo.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar pelo exposto acima, a classificação do tempo verbal, em qualquer um dos sentidos que definimos, como algo só gramatical ou só discursivo parece realmente não proceder. O que temos são regularidades lingüísticas convencionalizadas no processo sócio-histórico de constituição da língua e que são capazes de exercer dentro dos textos funções discursivas de pistas e/ou instruções para seus usuários indicando efeitos de sentido possíveis entre eles (usuários). Vimos que tais instruções de sentido se ligam a diversos aspectos do funcionamento discursivo: indicação da relação entre o tempo referencial das situações e o tempo da enunciação; ordenação dos elementos dentro do texto; indicação de se os usuários vêm os elementos do conhecimento de mundo que ativam como realidade ou irrealidade, indicação de relevância de diversos tipos: pano de fundo/figura, informação principal/secundária, relevância emocional ou de envolvimento do produtor.

Fica, pois, a proposta de que o tempo verbal, bem como todos os demais elementos da língua são fatos de natureza tanto gramatical quanto discursiva. Gramatical na medida em que já se tomaram convenções que permitem o uso social da língua por representarem regularidades, discursiva na medida em que funcionam como pistas e instruções para efeitos de sentido entre os usuários da língua através de textos, e uma vez que se propõe que

o discurso é "qualquer atividade produtora de efeitos de sentido entre interlocutores, portanto qualquer atividade comunicativa....." (TRAVAGLIA-1991:25).

BIBLIOGRAFIA

- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1981). *O aspecto verbal no Português: A categoria e sua expressão*. Uberlândia, EDUFU (2ªed. 1985).
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1991). *Um estudo textual- discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas, IEL/UNICAMP, Tese de doutorado. 330 + 124 pp.
- WEINRICH, Harald (1968). *Estructura y funcion de los tiempos en el lenguaje*. Madrid, Gredos.
- WOLFSSON, Nessa (1979). "A alternância do presente histórico na conversação" in *Language* 55. 1979: 168-182 (Tradução de Ataliba T. de Castilho e Geraldo Cintra-UNICAMP).